

**A GUERRA NO INFERNO VERDE: SEGUNDO CICLO DA BORRACHA, O
FRONT DA AMAZÔNIA E OS SOLDADOS DA BORRACHA**

**WAR IN GREEN HELL: SECOND CYCLE OF RUBBER, THE FRONT OF
THE AMAZON AND THE SOLDIERS OF RUBBER**

Carlos José de Farias Pontes^{1*}

1. Professor de História do Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Acre (UFAC).

* Autor correspondente: carlosjfpontes@gmail.com

Recebido: 31/05/2015; Aceito 14/06/2015

RESUMO:

A Segunda Guerra Mundial fez ressurgir no cenário da economia brasileira a produção da borracha, fazendo da Amazônia a maior produtora de "látex" novamente. Os Aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia) ficaram preocupados com a possibilidade de acabarem seus estoques, pois para eles venceria a guerra àquele que tivesse a maior quantidade de borracha. A borracha era o "nervo da guerra". Dessa forma o Governo Norte-Americano procurou o Governo Brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais ingleses estivessem sob domínio do Eixo. O Governo Brasileiro para atender suas responsabilidades previstas no acordo criou órgãos responsáveis pelo arremetimento da mão-de-obra e organização dos seringais. Os trabalhadores recrutados para produção gumífera nesse contexto ficaram conhecidos como Soldados da Borracha. Muitos desses imigrantes, a grande maioria nordestinos, fugiam da guerra e da seca.

Palavras-chave: 2º Ciclo da borracha, Soldados da Borracha e Amazônia.

ABSTRACT:

The Second World War has resurrected in the scenario of the Brazilian economy the production of rubber, making Amazon the largest producer of "latex" again. The Allies (Britain, France, USA and Russia) were concerned that they had finished their stocks because for them win the war against him that had the greatest amount of rubber. Rubber was the "sinews of war". Thus the US Government sought the Brazilian government to ensure that your use of the rubber needs were met, while the British rubber plantations were under the control of the Axis. The Brazilian government to meet its responsibilities under the Agreement created bodies responsible for arremetimento hand labor and organization of the rubber. Workers recruited to gumífera production in this context became known as Soldiers of rubber. Many of these immigrants, the vast majority Northeast, fleeing war and drought.

Keywords: 2º Rubber Cycle, Soldiers Rubber and Amazon

1. INTRODUÇÃO:

Após a crise do Primeiro Ciclo da Borracha (1870-1913), em decorrência da produção *gumífera* no Oriente, sobretudo na Malásia, os seringalistas amazônicos, bem como a população brasileira, não acreditavam em uma nova procura de borracha nacional em larga escala. Mas, contrariando esse ceticismo, a borracha brasileira/amazônica voltou a ser requisitada em grande escala para atender os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A guerra fez ressurgir no cenário da economia brasileira a produção da borracha, fazendo da Amazônia a maior produtora de “látex” novamente. O Japão, representante do Eixo (Japão, Alemanha e Itália) que travava grandes batalhas no Pacífico conseguiu em 1941 tomar a colônia inglesa da Malásia, grande produtora de borracha mundial.

Os Aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia) ficaram preocupados com a possibilidade de acabarem seus estoques, pois para eles venceria a guerra àquele que tivesse a maior quantidade de borracha. A borracha era o “nervo da guerra” [1]: a borracha produzia diversos instrumentos bélicos, calçados,

instrumentos cirúrgicos, luvas, autopeças, correias, etc.

Dessa forma o Governo Norte-Americano procurou o Governo Brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais ingleses estivessem sob domínio do Eixo.

O Governo Brasileiro para atender suas responsabilidades previstas no acordo criou órgãos responsáveis pelo arregimento da mão-de-obra e organização dos seringais, como SEMTA, CAETA e SAVA. O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), a Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA) e a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA) foram responsáveis pela vinda de milhares de nordestinos para a Amazônia e para o Acre, especificamente.

Os trabalhadores recrutados pelo SEMTA e CAETA ficaram conhecidos como Soldados da Borracha. Muitos desses imigrantes, a grande maioria nordestinos, fugiam da guerra e da seca. As notícias dos horrores vivenciados na Europa encorajou muitos a migrarem, mas a seca de 1942, foi grande

responsável que conduziu mais de 48 mil nordestinos à região amazônica [2].

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O BRASIL ÀS VÉSPERAS DAS 2ª GUERRA MUNDIAL E SUA RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS E A ALEMANHA.

Quando estourou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na Europa, após a invasão da Polônia pela Alemanha, em setembro de 1939, e iniciou o “efeito dominó” da entrada de países na guerra, dados os acordos estabelecidos previamente, ficando inicialmente dois blocos de países, Aliados, formado por Inglaterra e França e Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão, o Brasil vivia politicamente o Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial instituído por Getúlio Vargas, através do Golpe do Plano Cohen.

O regime de cunho fascista inclinava a nação muito mais para o lado do Eixo, uma vez que a política varguista se aproximava dos ideais fascistas, do que para aliar-se à Alemanha e Itália, do que para Inglaterra e França que lutavam em nomes das liberdades e da democracia.

Entretanto, mais uma surpresa toma conta da nação brasileira, uma vez que o Brasil ao entrar na Guerra, fica favorável aos Aliados, graças aos acordos estabelecidos com os Estados Unidos, que entrou na guerra após o atentado à Pearl Harbor (1941).

Esses acordos começaram antes mesmo da eclosão da guerra. Aliás, além dos Estados Unidos, o Brasil também havia feito acordos com a Alemanha, as duas maiores potências em ascensão na década de 1930, que travaram verdadeira luta pelo domínio do comércio brasileiro. Em setembro de 1935, Estados Unidos e Brasil assinam o Tratado Comercial Brasil; em junho de 1936, o Brasil assina com a Alemanha o Ajuste Comercial Brasil; em 1937 assina com os Estados Unidos a Missão Souza Costa; também em 1937, Brasil e Alemanha, celebram entre si um Ajuste Comercial de Compensação [1].

Sobre as relações políticas e econômicas do Brasil com a Alemanha e os Estados Unidos temos que:

Ao se iniciar a guerra na Europa, as relações internacionais do Brasil se caracterizavam por uma política de equidistância pragmática que consistia, basicamente, na aproximação simultânea com os Estados Unidos e a Alemanha. Entretanto, diante da evolução do conflito europeu, o Brasil tornou-se gradativamente mais comprometido com os norte americanos para um

posicionamento na guerra ao lado dos Aliados [3].

Apesar das tentativas do governo brasileiro de manter equilibradas as negociações com Estados Unidos e Alemanha durante toda a década de 1930, o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, sobretudo no ano 1942, traçaria novos caminhos para que o Brasil, e melhor dizendo, o presidente Getúlio Vargas tomasse uma posição.

Em agosto do ano de 1942, pela primeira vez, embarcações brasileiras que serviam ao tráfego da costa no transporte de passageiros e cargas de um estado para outro foram torpedeados assumidamente por submarinos Alemães. Entre a Bahia e Sergipe, foram afundados os vapores Baependi, Aníbal Benévolo e Araraquara fazendo muitas vítimas civis fatais. Os vapores transportavam, sobretudo, passageiros tendo um deles como principal destino o estado de São Paulo, para onde se deslocavam muitosromeiros que participariam do congresso eucarístico que ocorreria ali no mês de Agosto. Os torpedeamentos também fizeram muitas vítimas militares, uma vez que, um dos navios - o "Baependi" - conduzia um contingente de tropa de 120 homens transferidos de uma região militar para outra do país, ou seja, não se dirigiam para nenhum setor da guerra, apenas se deslocavam internamente [3].

O presidente Getúlio Vargas, que se manteve inicialmente neutro em relação aos países beligerantes, principalmente por demonstrar afinidades políticas e ideológicas com a Itália e a Alemanha, vínculos econômicos com a Alemanha e acordos econômicos com os países Aliados,

precisou deixar a indecisão para posicionar-se, uma vez que Estados Unidos pressionou e ofereceu ao Brasil recursos econômicos que Vargas esperava para alavancar obras no setor siderúrgico brasileiro.

Vultuosos recursos foram dispendidos para desenvolver um programa extraordinariamente complexo de persuasão ideológica e penetração cultural, gastando-se milhões de dólares na imprensa, no rádio e principalmente no cinema, onde se fazia questão de alardear o *american way of life* e as boas relações dos EUA com o sul do Continente. Em 1942, já estávamos inundados de jornalistas, radialistas, editores, professores, *scholars*, cientistas, artistas, escritores, músicos, diplomatas, empresários, técnicos, estudantes e pesquisadores de mercado oriundos do Norte, o que levou o ministro Oswaldo Aranha à tirada bem-humorada de que mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos EUA [1].

Assim, temos dois motivos foram preponderantes para que Getúlio Vargas rompesse com a Alemanha de Hitler: o fato supracitado dos navios brasileiros que foram atingidos por submarinos alemães e o fato de Vargas ter cedido no Nordeste brasileiro instalações de bases americanas.

A neutralidade nacional acabou-se no início de 1942, quando foram rompidas as relações diplomáticas com Hitler, por ter sido permitido as instalações de "Bases Militares Americanas" no nordeste brasileiro (Fortaleza, Recife, Salvador e Natal). Em vista dessas concessões, o Brasil passou a sofrer represálias, como os ataques constantes aos nossos navios, promovidos por submarinos dos Países do Eixo, os quais causaram o torpedeamento de 22 navios

brasileiros, ocasionado à morte de mais de 600 pessoas [4].

2.2 A ALIANÇA COM OS ALIADOS E OS ACORDOS DE WASHINGTON.

Quando em 7 de dezembro de 1941, o Japão atacou a base americana de Pearl Harbor no Havaí, os Estados Unidos declararam guerra ao Japão e consequentemente aos países do Eixo e o conflito se tornou mundial. A adesão dos americanos à Guerra e a dominação bélica japonesa sobre as áreas produtoras de borracha, nas Ilhas da Malásia, trouxe preocupações aos Países Aliados quanto ao abastecimento de borracha, um produto estratégico e indispensável à de guerra [4].

Com a tragédia de Pearl Harbour e a consequente extensão do conflito no Pacífico e no Índico, uma das consequências mais devastadoras para os Aliados, em especial para os EUA, foi a perda dos ricos seringais de plantio da Malásia, Borneo etc., responsáveis pelo suprimento da quase totalidade da goma elástica nos mercados ocidentais. Já no início de 1942 os japoneses tinham se apoderado de 97% das zonas produtivas da borracha, pondo em sério risco o esforço de guerra dos Aliados [1].

A situação dos Aliados era tão emergencial que houve a partir de 1941 racionamento da fabricação de produtos de borracha em todo território norte-americano. Nos primeiros meses de 1942 a venda de automóveis e

caminhões foi suspensa, pois não podia-se produzir nada de borracha a não ser produtos bélicos. Estados Unidos não tinha em 1942 mais que 500.000 toneladas de borracha e esse número estava muito abaixo dos estoques necessários para se vencer uma guerra de tamanha proporção [4].

De repente, em plena Segunda Guerra, os japoneses cortaram o fornecimento de borracha para os Estados Unidos. (...) No final de 1941, os países aliados viam o esforço de guerra consumir rapidamente seus estoques de matérias-primas estratégicas. E nenhum caso era mais alarmante do que o da borracha. A entrada do Japão no conflito determinou o bloqueio definitivo dos produtores asiáticos de borracha. Já no princípio de 1942, o Japão controlava mais de 97% das regiões produtoras do Pacífico, tornando crítica a disponibilidade do produto para a indústria bélica dos aliados [6].

Venceria a guerra, na visão dos Aliados, o bloco de países que tivesse a maior quantidade de borracha, uma vez que a goma elástica era usada na fabricação de pneus, de componentes de aviões, tanques, armas, submarinos etc. Um tanque de guerra, para se ter uma ideia mais precisa da importância da borracha no cenário bélico, tinha meia tonelada de borracha, portanto “a borracha era o nervo da guerra” [1].

Com o aumento da fabricação de armamentos e com o pacto assinado com outros Aliados, todos enfrentando séria crise da borracha, a situação agravou-se ainda mais. Com os britânicos reduzidos

a 100.000 toneladas de estoques, os canadenses com suas 500.000 toneladas, os australianos com 20.000 toneladas e até os russos necessitando urgentemente de estoques de borracha natural para fortalecer sua produção sintética, o problema se tornava ainda mais crítico, pois tais estoques poderiam perdurar por um ano, no máximo [1].

Diante dessa situação o presidente dos Estados Unidos nomeou uma comissão especial denominada Comissão de *Baruck*, para analisar as necessidades da indústria de guerra, esta comissão concluiu que: o produto mais crítico e o problema mais urgente a ser resolvido era o reabastecimento da borracha, segundo o relatório dessa Comissão,

percebe-se a importância da borracha como elemento estratégico: (...) de todos os materiais críticos, a borracha é aquela que apresenta a maior ameaça à segurança de nossa nação e ao êxito da causa Aliada. A produção de aço, do cobre, do alumínio, das ligas ou da gasolina de aviação pode ser inadequado para conduzir a guerra tão rápida e eficiente como desejaríamos, mas ao menos estamos certos de suficiente abastecimento desses produtos para operar nossas forças armadas em poderosíssima escala. Se, porém falharmos na consecução rápida de um novo e volumoso suprimento de borracha, haverá colapso de nosso esforço de guerra e da nossa economia interna. Assim sendo, a situação da borracha constitui o mais crítico dos nossos problemas. Consideramos a situação presente tão perigosa, que, se não tomarmos medidas corretivas imediatas, este país entrará em colapso civil e militar. A crueza dos fatos é de advertência que não pode ser ignorada. Se não forem assegurados a tempo novos suprimentos (naturais ou artificiais), as exigências totais militares e de exportação [4]

Poucas regiões produtoras de borracha ficaram de fora da ocupação do Japão, entre elas Índia, Ceilão, Libéria, África e América Latina, que juntas não somavam 200.000 toneladas. Logo, o objetivo era tentar a todo custo aumentar a produção.

Em 3 de março de 1942, os ministros do Brasil e dos Estados Unidos, Souza Costa e Summer Welles, respectivamente, assinaram vários acordos e convênios que ficaram conhecidos como Acordos de Washington. Esses acordos previam financiamentos milionários nas áreas da produção de de materiais estratégicos e matérias-primas que serviriam à indústria bélica norte-americana, tais como indústria de ferro, produtos agrícolas e claro, a produção da borracha [1].

Pelo acordo referente a borracha, o Brasil venderia a borracha excedente para a empresa Rubber Reserve Company; a empresa daria ao Brasil um prêmio de 2,1/2 cents, por libra peso, para toda borracha exportada que excedesse 5.000 toneladas até 10.000 toneladas, o que ultrapassasse esse limite o prêmio seria elevado para 5 cents por libra peso; o Brasil se comprometia a fazer tudo para aumentar a produção; venderia também produtos

manufaturados feitos de borracha para os EUA, como pneus e câmaras de ar e para finalizar o Acordo definia que o contrato era por um prazo de cinco anos [1].

Os Acordos de Washington previa plenos poderes ao governo brasileiro para superintender e implementar a produção as atividades logísticas através da CCAW Comissão de Acordos de Washington e aos Estados Unidos representado pela RDC caberia o apoio financeiro, na realidade a RDC, atuou como senhora absoluta da situação e a agência brasileira teve uma atuação secundária, inclusive os acordos eram lavrados em inglês e posteriormente traduzidos para o português. Até mesmo a contabilidade de Banco de Crédito da Borracha era revisada por técnicos americanos, muito embora o capital nacional fosse de 60% [4].

Os Estados Unidos investiram cerca de 300 milhões de dólares na produção gumífera amazônica. Pelos Acordos de Washington foi criado o Banco de Crédito da Borracha (hoje BASA, Banco da Amazônia S.A.), voltado para o financiamento dos seringalistas e compra da produção de borracha; foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e os armazéns da *Rubber Development Corporation* (RDC), criariam condições alimentares e sanitárias necessárias para a entrada dos trabalhadores na Amazônia.

Do lado americano estava à frente de toda a iniciativa a *Rubber Reserve Company*, substituída em 23 de fevereiro de 1943 pela *Rubber Development*

Corporation – mais simplesmente conhecida no Brasil como RDC, agência americana que, de verdade, viria liderar e implementar a *batalha da borracha* [1].

2.3 A BATALHA DA BORRACHA E OS SEUS “SOLDADOS”.

Uma vez definido todas as determinações dos Acordos de Washington chegara a hora do Brasil colocar a “mão na massa”, ou melhor, na goma elástica. E o primeiro passa se daria no sentido de arregimentar mão de obra para produção gumífera nos seringais amazônicos/acreanos.

Dessa vez o governo brasileiro era responsável pela mão-de-obra, diferentemente do Primeiro Ciclo, onde a iniciativa privada era responsável pela arregimentação. No contexto da Segunda Guerra, o governo conclamava todos os homens para auxiliarem na guerra, escolhendo entre ter que ir lutar na Europa ou deslocar-se para a Amazônia onde produziria a borracha.

Entre ser soldado na guerra ou soldado na Amazônia, os homens do Nordeste embarcaram na necessidade e na ilusão, no rumo de cá. Nasceu a história séria, cresceu a paixão constante, além do que num momento pode ser dito. Soldado da borracha é valor e respeito, acima de bandeiras e de guerras. Deixados à margem, quando queriam tão pouco, eles venceram febres e saudades, enfiaram sofrimentos, deram vida ao isolamento. Bichos soltos e ilusões domadas. Do sertão, da caatinga, para a floresta cheia de árvores e emoldurada de águas. Muito

regatão em cada porto-solidão, sem notícias dos canhões ou da família, enquanto a conta da borracha nunca fechava. Isso abriu horizontes, fez crescerem vidas [5].

Mais uma vez, a grande leva de trabalhadores será a de nordestinos, migrantes de vários estados, mas principalmente do Ceará.

Acredito que como em toda (i)migração o atrativo é um conjunto de elementos. A decisão de deixara própria terra é uma decisão difícil, implica numa renuncia, implica abrir mão de amigos, família, de uma rede de relacionamentos, lugares, sabores, etc. A migração entre o nordeste e Amazônia já estava estabelecida quando o chamado do Governo Vargas, mas é evidente que este chamado molda um tipo de migrante. O chamado terá um apelo maior entre aqueles que não eram dados à aventura, entre aqueles que viam finalmente a possibilidade de migrar para Amazônia sem desamparar a própria família, já que o discurso do estado, veiculado por uma série de instrumentos de propaganda era de responsabilizar-se por esta. Também o elemento “patriótico” deve ter jogado algum tipo de atração. Se julgamos também pela propaganda é de supor que se esta utilizava insistentemente de expressões como “frente da borracha”, “mais borracha para a vitória”, “soldados da borracha”, etc. tudo no contexto da Segunda Guerra Mundial e do alinhamento brasileiro com os Aliados, era porque este apelo surtia algum efeito.

Órgãos foram criados com o intuito de dirigir os trabalhadores até os seringais, como — o Departamento Nacional de Imigração (DNI) e o *Rubber Development Corporation* (RDC), que conduziu principalmente famílias inteiras. A falta de experiência desses órgãos fez com que muitos

trabalhadores nem chegassem aos seringais, ficando em cidades, onde realizavam outras atividades, como serviços gerais, pedreiros, domésticas entre outros.

O segundo recrutamento, realizado pelo Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), apenas homens solteiros foram selecionados; muitos desses foram influenciados pelas propagandas em cadeias públicas, que mostravam o enriquecimento fácil e rápido. As propagandas anunciadas em cartazes pelo SEMTA eram em sua maioria enganosas; pois eram disponibilizadas de tal forma que faziam com que os aventureiros acreditem na facilidade demonstrada.

O próprio Getúlio Vargas conclamava a presença de brasileiros nos trabalhos nos seringais amazônicos, como diz sua mensagem presidencial de 20/05/1943:

Seringueiros! Dediquei todas as energias à batalha de borracha, precisamos de mais borracha, pois é sobre ela que se encontra a guerra moderna. Pois são grandes os equipamentos que necessitam da goma elástica, produzidas sem repouso, (...) Nas guerras modernas não fazem parte somente soldados que estão no campo de batalha, mas, toda a nação: homens mulheres, velhos e crianças. A vós desbravadores da Amazônia, sois mais importantes soldados, Unidos veremos sibililar a bandeira do Brasil.

Não diferentemente do Primeiro Ciclo da Borracha, durante o Segundo Ciclo também foram usados mecanismos para ludibriar o trabalhadores nordestinos para enfrentarem a dura jornada nos seringais, onde se encontrariam com o *Inferno Verde*. O SEMTA chegou a distribuir cartazes onde o látex era armazenado em grandes tambores e transportado em carros que circulavam em excelentes estradas, como se fossem seringais da Amazônia, mas na verdade eram imagens de seringais malasianos.

Os cartazes, as pinturas feitas em muros das cidades nordestinas, representavam árvores seringueiras produzindo frutos, quando o trabalho do seringueiro consistia em colher esses frutos e dessa forma estava também contribuindo para a vitória da guerra que estava sendo travada. A propaganda foi exercida sem limites para atrair milhares de migrantes para os confins da Amazônia [4].

Outra forma de enganar os futuros “soldados da borracha” era as promessas do “Termo de Compromisso” com o trabalhador e o “Contrato de Trabalho” com o seringueiro, onde o seringueiro teria diversos direitos, como: indenização para a família, assistência médica, salário sobre produção da borracha, entre outros. Na prática essas promessas nunca se concretizaram.

Os soldados da Borracha, chamados de “arigós”, em referência a uma ave nordestina que voa de um canto para outro em busca de alimento, vieram para a Amazônia em busca mais uma vez do El Dourado, de fortuna, riqueza, melhores condições de vida. Em média, entre os anos de 1941 e 1945, chegaram à Amazônia cerca 56 mil nordestinos, de acordo com dados do Ministério Público Federal.

Mas este “Paraíso Terrestre de Riquezas” logo se transformou em “Inferno Verde”, onde quase 30 mil faleceram devido aos precários meios de transporte, falta de assistência médica, alimentação escassa e lutas nos seringais, principalmente doenças como malária, beribéri, febre amarela, icterícia, além de outras chagas amazônicas e os ataques de índios e animais selvagens e peçonhentos.

A Propaganda Oficial foi uma das estratégias fundamentais empregadas para incentivar a campanha nacional de borracha, além do rádio, dos jornais a imagem foi largamente utilizada para reforçar e agilizar o recrutamento de jovens para essa operação. Neste sentido, o artista plástico Jean Pierre Chablotz foi contratado pelo DIP, como chefe de desenhos publicitários de SEMTA, para fazer propagandas imagéticas da Campanha Nacional da borracha entre suas atribuições, uma delas consistia em criar biotipos para a seleção dos candidatos ao exército da borracha [4].

A vida do soldado da borracha, apesar de todas as vantagens demonstradas nas propagandas, era bem difícil, pois ao chegar no local de trabalho ele assinava um contrato regulamentando as relações de trabalho, que o obrigava a vender o produto a determinado e seringalista, e essa obrigatoriedade da venda do produto, tolhia a liberdade da autonomia de venda, os preços eram estipulados pelos governos brasileiro e americano. Um ponto crucial, e que auxiliava no massacre desses trabalhadores, era o fato de não haver moeda corrente, uma vez que a borracha era a moeda de troca. Dessa forma, os soldados tornavam-se reféns dos seringalistas, pagando preços baixos pelo látex e alto preço pelos mantimentos, armas, munição e remédio [4].

O soldado sofria a auguras contra o tédio, a solidão e enclausuramento, às vezes até cinco meses sem ver uma pessoa, não possuía rádio, não recebia notícias, anos após a guerra ter terminado, muitos soldados nem sequer sabiam, acreditavam estar ainda servindo a Pátria em prol dos Países Aliados, como também não sabiam que Getúlio Vargas não era mais presidente.

Os soldados, também temiam o ataque de índios com flechas venenosas e traiçoeiras, nas estradas de corte e muitas vezes na própria cabana onde residiam, temiam também o envenenamento dos córregos pela raiz de timbó (cipó tóxico), ficando receosos de se alimentarem de peixes.

Outro temor dos soldados era os animais, como a onça que rondava os seringais, há relatos de que muitos deles tiveram que lutar corpo a corpo com esse animal, e também as cobras eram muito temidos pelas suas picadas e até pelo estrangulamento da cobra sucuri, ainda abundantes nas regiões ribeirinhas.

E neste “front” tão ou mais terrível que o front europeu, o soldado enfrentava a solidão, o controle e a supremacia do patrão onde os interesses estavam voltados exclusivamente para o extrativismo, tudo que não se referisse a esta atividade era proibido ao soldado, desde o cultivo de uma pequena roça no entorno de seu barraco, até a visita a outro seringal [4].

2.4 O FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O NOVO COLAPSO DA PRODUÇÃO GUMÍFERA.

Quando do término da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a retomada dos seringais no Oriente pelas forças Aliadas, o desinteresse pela borracha e o fim dos acordos com o Brasil era algo iminente. Em 13 de agosto de 1945, o presidente da RDC, Mr. Truslow, envia carta a R. S. Wilson, diretor do Programa da Borracha, aconselhando que os contratos para produção da borracha deveriam ser cancelados [1].

O fim da retirada dos americanos da Amazônia completar-se-ia oficialmente em junho de 1946, quando foram fechados os escritórios da RDC em Manaus e no Rio de Janeiro, tendo como derradeiro ato o fechamento do principal escritório desta agência em Belém, em setembro deste mesmo ano, quando expiraram os Acordos de Washington. No entanto, o pior golpe que seria assentado contra os interesses da borracha e no ânimo de quem alimentava

esperanças de melhores dias para a Amazônia, não foi a já esperada retirada dos americanos do *front* da batalha da borracha, e, sim a decisão de Henry Ford fazendo cessão, por 5.000.000 de cruzeiros, das grandes concessões de Fordelândia e Belterra onde, às margens do Tapajós, no Pará, plantara vários seringais, instalara modelar hospital, moderna serraria e dotara a propriedade de todos os requisitos de saneamento e habitação [1].

Após o fim dos Acordos de Washington a produção dos seringais malasianos foi retomada. Como os EUA deixaram de comprar a produção de borracha do Brasil e o mercado interno só tinha condições de comprar 50% do total produzido, o boom gumífero entrou em um novo colapso, representando a crise do Segundo Ciclo da Borracha.

No final dessa operação os sobreviventes foram relegados ao esquecimento e ao abandono, não lhe foram dadas condições nem mesmo de retornar as origens e a grande maioria nem soube quando a guerra terminou, muitos deles permaneceram por anos na condição de soldados acreditando estar servindo a pátria em favor dos Aliados.

Tais homens, não foram sequer reconhecidos como heróis nacionais, como apregoava o discurso do Presidente Getulio Vargas e nem enriquecem como mostrava a propaganda de Chabloz. Foram assim, desqualificados, rotulados de incapazes, tiveram seus corpos esquadrihados e mutilados seus desejos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil apesar do esforço não conseguiu atender a quantidade de

borracha estipulada no Acordo de Washington, que acabou sua vigência em 1947. De qualquer forma, o Brasil havia produzido mais borracha do que necessitava. O Banco de Crédito da Borracha, numa tentativa de financiar a safra de 1947 recorreu a empréstimos no Banco do Brasil e no Tesouro Nacional. Nesse mesmo ano também foi criada a Comissão executiva de Defesa da Borracha.

A situação ficou difícil para os seringalistas e para os Soldados da Borracha. Os seringalistas mais uma vez diminuíram a produção até que não conseguiram mais pagar as dívidas e decretaram falência, chegando a vender seus seringais a preços bem abaixo do mercado para pecuaristas vindos do sul na década de 1970.

Situação trágica também foi para os “arigós”, que não conseguiram voltar para casa, sendo obrigados a ficarem nos seringais, que a cada ano diminuía a produção, passaram a viver da agricultura, da coleta de produtos florestais e depois de expulsos dos antigos seringais a partir da década de 1970 foram mendigar nas cidades, realizando trabalhos domésticos e simples como vendedores ambulantes.

A Constituição Federal de 1988, através do seu artigo 54 concede a todos os ex-Soldados e ex-Soldadas da

Borracha uma pensão mensal vitalícia de dois salários mínimos, para que esses possam ter uma senilidade com um mínimo de dignidade. O artigo reconhece a luta e a importância do esforço desses homens e mulheres no auxílio dado ao Brasil e aos aliados no decurso da Segunda Guerra Mundial.

4. REFERÊNCIAS

- [1] MARTINELLO, P. A “batalha da borracha” na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico. São Paulo, 1985.
- [2] SOUZA, C.A.A. **História do Acre: novos temas, nova abordagem.** Rio Branco. 2002.
- [3] CARVALHO, V.M.G. **Ex-Combatentes do Brasil – Entre a História e a Memória (1945-2009).** Universidade Federal do Pernambuco. Recife. 2009.
- [4] SILVA, M.A. “A borracha passada na história” (**Os Soldados da Borracha durante a Segunda Guerra**). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- [5] FONTES, J.A. **Soldados da borracha.** Rio Branco. 2012.
- [6] NEVES, M.V. **A heroica e desprezada batalha da borracha.** História Viva. Edição 08. Junho 2004.
- [7] SECRETO, M.V. **Soldados da borracha.** Portal da Fundação Perseu Abramo – uma nova cultura política do país. 2007.